

PERDÃO É UMA PERDA MUITO GRANDE

21/08/00 Benjamin Mandelbaum

As palavras têm vida própria, que vai muito além de sua etimologia e significado. Para nos contactarmos com esta vida precisamos abrir o coração. Isto pode ser feito, baseando-se na tradição hassídica, dançando e cantando com as letras. Sabemos que o hebraico é uma língua sagrada em sua essência. Mas não impede, muito pelo contrário, que possamos sacralizar outros idiomas, que longe de ser uma profanação, trata-se de reconhecer a própria presença divina, Schechiná, em tôdas as línguas. Para além da lógica formal, o sentido só pode ser encontrado através do próprio sentido.

A palavra perdão poeticamente pode ser tomada como aumentativo, um perdão, nos apontando para uma grande perda. Que perda é essa? é a perda da ilusão de perfeição. Só se pede perdão, ou se é perdido, através da admissão do erro, do engano, do equívoco, da falha ou do mal feito. Desse modo, o perdão é a fragmentação narcísica, quando a imagem de perfeição se parte em cacos, como a Schevirá. Quebrando a idealização da imagem onipotente do ego se revela a essência verdadeira do ser. O perdão é o parto de si. É preciso o desapego ao ego para chegarmos verdadeiramente a si, ao self. No perdão as perdas dão cria.

Aprendemos com a Cabalá a encarar a necessidade da perda. Na própria criação do universo, o Tzim-Tzum é a perda necessária, que se dá por contração divina, para que o Ayn, o Nada, seja criado, abrindo espaço para o Sem Fim de Ayn Sof e sua Luz Sem Fim, Ayn Sof Aor, iluminarem a Árvore da Vida na constituição do Any, o Eu do ser humano.

As perdas¹ fazem parte da tradição judaica, no aprendizado de como lidar com elas. Antes de Yom Kipur, no dia 9 do mês de Av, relembra-se grandes perdas. Desde a destruição dos Templos Sagrados, dos diversos sacrifícios humanos, dos vários desterros, inquisições e holocaustos. Trata-se de um verdadeiro processo de despojamento, que se intensifica até chegarmos ao dia do Yom Kipur, dia da ex-piação, purificação.

Nos dias intensos revemos perdas, realizamos rituais de purificação, como o Tachlich ou da Capará, que visam a obtenção do perdão ex-piatório purificador no dia santo. A vivência do dia mais intenso é primariamente de mortificação do corpo na afirmação que a vida se alimenta de vida. A grande imagem egóica sofre no período de 24 horas de jejum um processo de retificação, realizando um Tikun à sua verdadeira dimensão. O corpo físico se afirmando pela sua negação se descobre como resultante de um ato do amor divino. Teshuvá é retorno do Any ao Ayn.

¹ Na tradição de quebrar o copo na cerimônia do casamento encontramos laços partidos presentes nos novos laços unidos. No momento de alegria intensa da união, contatamos também com as nossas perdas, como na partida dos filhos de seus lares paternos ou de pessoas que não estariam ali presentes. Não se trata de um masoquismo, mas de uma polarização dos momentos de perdas e ganhos. Lembrar da tristeza no momento maior de alegria é para que nos momentos que houver o predomínio da tristeza da perda possamos elaborá-la e lembrarmos da nova união que ela encerra e que prenuncia a alegria vindoura. O problema não é a perda mas o que fazemos com ela. Realizá-la e encará-la com humildade ao invés de humilhação é o aprendizado básico do processo de aceitação para transmutá-la, tal como na reverência do Cadish, a prece do luto pela perda de um ente querido, que é um hino de louvor e exaltação a D's que ameniza a nossa dor.

Este jejum purificador é piedoso e diferente de alguma outra prescrição de jejum, como a de um ato médico. É também um ato de fé coletivo e difere da mera restrição do jejuar sozinho em casa. A própria identidade do ser individual é ali colocada na sua dimensão cultural e comunitária, transcendente na espiritualidade, que culmina no Schemá com o toque do Schofar.

O Itzcór dos enlutados é uma das rezas mais assistidas deste dia, muito embora ela esteja presente também em outros dias santos. É que neste dia do perdão as perdas se evidenciam. Percebemos nossa pequenez cósmica. Somos cordas de areia no tempo.

Como é difícil pedir perdão! Certo Yom Kypur, após conseguir pedi-lo a D's, percebi que ainda não o tinha dado a mim mesmo. Eu senti que Ele em sua clemência magnânima poderia até me haver concedido o perdão, mas eu não conseguiria recebê-lo, pois ao não me perdoar meu coração ainda estava fechado. Por isso temos o auxílio do som sagrado do Shofar, trombeta da alma para abrir as trancas do peito, não só as celestes, mas terrestres também como Josué fez para abrir os portais de Jericó, rumo a terra prometida.

Lembrei-me de meus tempos de jovem na sinagoga junto a meu pai, achando que aqueles que não compareciam nos serviços religiosos regulares, eram todos hipócritas, pois na semana seguinte já não estariam mais ali. Embora houvesse realmente uma certa dose de falsidade, hoje, talvez por me encontrar do outro lado, revejo a coerência total e absoluta que advogava então. A dificuldade do perdão residia na impossibilidade de prometer convicta e totalmente que não mais pecaria, o que não poderia fazê-lo em sã e sincera consciência.

O pedido de perdão, como ato de amor, só pode se dar apesar de. Não como promessa, mas como compromisso. Não é por outra razão que exatamente a primeira prece do Yom Kipur é o Kol Nidrei, que versa sobre todas as promessas feitas não cumpridas e das que vindouramente faremos.

Paradoxal condição humana esta nossa que, sabendo-se imperfeita busca o aperfeiçoamento, mesmo sabendo que não atingirá a perfeição. É tão terrível aquele que vive preso ao seu sonho quanto àquele que não o possui ficando prisioneiro da realidade. No caminho do Dia do Perdão trata-se ainda de se verificar perdas, falhas e descontinuidades do re-ligare. A Teshuvá é arrependimento e retorno de uma contra-mão indevida.

Uma lâmpada que não voe ou apite obviamente não está com defeito, pois não é feita para isso, mas é sinal de sua própria imperfeição. Aceitarmos nossa própria humanidade em sua imperfeição é o primeiro estágio para podermos atingir o perdão. É o próprio amor que clama o perdão. Tal como a si mesmo, não é nenhum favor perdoar ao outro, já que nós mesmos lucrarmos imediatamente ao sentirmos, nossos corações e mentes mais leves.